

A RESTAURAÇÃO SE PERFAZ

POR CASTORINA AUGUSTA MADUREIRA DE CAMARGO

um diagnóstico preciso e pontual é o primeiro momento,
depois higienização e estabilização.
as marcas e abrasões do tempo nos direcionam e mostram que caminho percorrer.
cerdas macias,
movimentos leves e instrumentos rudes desvendam a história.
tudo se revela sóbrio por meio das velaturas.
reparos consolidam o suporte fragilizado,
devolvendo sua integridade.

a restauração busca o acontecimento latente, escondido entre linhas imperfeitas e desgastadas.

O QUE URGE FAZER



SANEAR A TERRA



FEDERAÇÃO OPERÁRIA DE SÃO PAULO

Séde Social: Rua Quintino Bocayuva, 80

SÃO PAULO

O PERIGO FASCISTA

AOS TRABALHADORES E AO POVO EM GERAL

“Guerra Sociale”

Periodico anarquista que apparece nesta capital em lingua italiana.



Publica collaboração em portuguez e em hespanhol.



O ARQUIVO EDGARD LEUENROTH (AEL)

constituiu-se, informalmente, em meados da década de 1970, por iniciativa de um grupo de professores do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) interessado em criar um centro de documentação que desse suporte às pesquisas que começavam a ser realizadas em seu programa de pós-graduação através de fontes primárias de pesquisa.

A chegada da coleção de documentos impressos reunidos por Edgard Leuenroth – pensador anarquista, militante das causas operárias, linotipista, arquivista e jornalista por ofício e paixão –, em 28 de junho de 1974, marcou o início das atividades de pesquisa no AEL, que, ao longo das últimas quatro décadas, tornou-se referência nos trabalhos de preservação da memória social, política e cultural brasileira.

NOVO ESPAÇO

Com a mudança para sua nova sede – inaugurada em 2009 – e

devido a massivos investimentos tanto em recursos tecnológicos para digitalização como em repositório para documentos digitais, o AEL atingiu sua fase de maturidade, garantindo, desta forma, uma atividade de excelência dentre os centros de documentação e arquivos situados no Brasil e na América Latina.



O que há no AEL

A documentação existente no AEL abrange, principalmente, o período que se estende de meados do século XIX aos dias de hoje. Além do acervo que o originou, recebeu outros tantos relacionados às seguintes áreas temáticas: Mundo do Trabalho e História da Industrialização; História da Saúde; História da Esquerda; Justiça e Direitos Humanos; História Política; História da Cultura; Movimentos Sociais; Questão Agrária; História Intelectual; História da Antropologia; Colonização na América Latina, África e Ásia. Esse volume documental, caracterizado por grande diversidade temática, é proveniente de mais de 120 fundos e coleções, totalizando,

aproximadamente, 2.500 metros lineares de documentos. Ao reunir um acervo expressivo de documentos sobre temas, em sua maior parte, relacionados a cursos de pós-graduação do IFCH, o AEL participa ativamente do processo de construção de uma sociedade democrática no país.



SUPORTES TRADICIONAIS E DIGITAIS

Além dos suportes documentais tradicionais (papel), o AEL disponibiliza para consulta: coleções em filmes (microformas), mídias digitais produzidas a partir de arquivos, acesso a bibliotecas e centros de documentação de instituições brasileiras, americanas e europeias. Em resposta às demandas criadas pela expansão de seu acervo e pelo crescente número de usuários, a instituição investiu na qualificação do corpo técnico, na aquisição de equipamentos de digitalização, na ampliação das instalações físicas da sua nova sede, na melhora de sua infraestrutura tecnológica e na implantação do AEL Digit@l.

👉 EQUIPE

O AEL conta com equipe multidisciplinar formada por 17 técnicos de níveis superior e médio, dos quais grande parte possui formação especializada em sua área de atuação, bem como contínuo estímulo no aperfeiçoamento profissional. A estruturação e o funcionamento do Arquivo estão organizados em duas seções, que operam de modo harmônico e integrado: a seção de Processos Técnicos e Atendimento, que tem como objetivo disponibilizar para consulta (in loco ou on-line) os conjuntos documentais pertencentes ao acervo do AEL, em variada tipologia, valendo-se para tanto das técnicas e ferramentas arquivísticas e biblioteconômicas; e a seção de Preservação e Difusão, que tem como objetivo delinear Políticas de Preservação e Conservação para prolongar a durabilidade e conservar os acervos do Arquivo Edgard Leuenroth (AEL), além de elaborar os instrumentos de pesquisa e fazer a divulgação da instituição. Com a implantação do Laboratório de Conservação,

* Referências visuais de organizações e jornais anarquistas de cem anos atrás. Fonte: Arquivo Edgard Leuenroth



Contra a escravidão industrial

Prosegue o movimento grevista

ONDE ESTÁ IDALINA?

A ORGANIZAÇÃO

DO PROLETARIADO



LEIAM ÀS QUINTAS-FEIRAS

A Lanterna

JORNAL ANTICLERICAL



em 2010, a seção de Preservação e Difusão tornou-se autônoma tendo, em vista a realização dos trabalhos de conservação e restauração da totalidade dos documentos do AEL.

Humberto Celeste Innarelli.
Diretor de Serviços do Arquivo
Edgard Leuenroth. AEL/IFCH/
UNICAMP



Memória operária

Um galpão industrial no Brás, São Paulo, era o local de um rico acervo do movimento operário brasileiro e internacional. Ano a ano, Edgard Leuenroth, militante anarquista, jornalista, tipógrafo e editor de jornais libertários reunia livros, jornais e panfletos. Leuenroth é o guardião da memória operária do início do século XX no Brasil, e seu acervo foi comprado pela Unicamp no final dos anos 1970. Aquele que deu origem a nossa instituição voltou à cena 40 anos depois, por meio de uma nova remessa de documentos da família Leuenroth, na ocasião das comemorações dos 40 anos do AEL em junho de 2014.

NOVO MATERIAL

O contato com a família em busca de documentos remanescentes que pudessem complementar o acervo trouxe algumas surpresas como, por exemplo, as edições do jornal *O Boi*, primeiro periódico lançado por Edgard, em 1897, que no ano seguinte daria origem à *Folha do Braz*, órgão defensor dos direitos dos moradores daquele bairro. Junto a este exemplar, vieram mais livros, outros periódicos e álbuns contendo um interessante conjunto de fotografias, documentos pessoais, manuscritos e recortes de jornais; na realidade, uma miscelânea, que, em grande parte, pertencia à família Leuenroth e que foi organizada por Germinal, filho de Edgard.

« COMO AGIR »

Uma questão logo se colocou à equipe de processamento técnico e atendimento: os documentos dessa remessa configuravam-se como os de Edgard ou de Germinal Leuenroth? Depois de algumas discussões entre a equipe técnica e a historiadora e

arquivista Ana Maria Camargo, foi decidido tratar os dois conjuntos documentais separadamente. Dentro dessa perspectiva, os documentos pessoais de Edgard colados nos álbuns feitos por Germinal seriam descritos como pertencentes ao seu arquivo. Essa escolha permitiu destacar a trajetória de vida, produção intelectual e militância política de Edgard, além de manter a integridade do material.

METODOLOGIA

O processamento técnico debruçou-se sobre a documentação com o objetivo de organizar o arquivo pessoal de Edgard Leuenroth, segundo a metodologia proposta pela professora e consultora Ana Maria, voltada aos acervos pessoais. Esta abordagem sugere a construção de um inventário cronológico da vida do titular subdividido em eventos e atividades, possibilitando uma melhor contextualização dos documentos. Somado a isso, está sendo feito um esforço de revisão dos folhetos previamente

catalogados no intuito de identificar os conjuntos a que pertencem, com especial atenção àqueles que integram o acervo de Edgard. O trabalho permitiu localizar livros não catalogados no acervo (cerca de 400 títulos) e somá-los a sua biblioteca, que perfaz um total de aproximadamente 2.400 livros.

.....

FUTURO

A conclusão desse projeto permitirá a reunião do acervo de Edgard, que foi muitas vezes desmembrado ao longo destes 43 anos de trabalho. Apesar de muito conhecido e utilizado, o material nunca passou por um processo integral de organização. Isso também auxiliará novas pesquisas que poderão dispor, além do seu conjunto inestimável de livros, periódicos e pequenas publicações, de nuances da sua vida pessoal e familiar.

Lívia Cristina Corrêa, Sílvia Modena Martini, Tainá Guimarães Paschoal
Processamento Técnico e Atendimento do AEL.

A GREVE GERAL ANARQUISTA DE 1917 FAZ CEM ANOS!!!

POR CHRISTINA ROQUETTE LOPREATO

São Paulo, 12 de julho de 1917. A cidade amanheceu sem pão, sem leite, sem gás, sem luz e sem transporte. As atividades industriais, setores de serviços e de transporte foram paralisados. As programações de teatro, cinema e casa de diversão adiadas. Estava declarada a greve geral. Uma convulsão social sem precedentes se inscrevia na história do Brasil. A singularidade da Greve Geral de 1917 está na orientação e coordenação do movimento pelos anarquistas, auxiliados pelos socialistas. Desde o raiar do ano de 1917, os libertários ocuparam as ruas da cidade de São Paulo para denunciar, em comícios públicos, as degradantes condições de vida e de trabalho do operariado. Em suas falas, procuraram mostrar as causas dos males e do sofrimento dos trabalhadores atribuindo-os à engrenagem do funcionamento da organização social burguesa e sensibilizá-los a reagir. Com a Segunda Guerra Mundial em curso e seus reflexos no Brasil que agudizaram a crise social, o momento era propício para despertar a vontade de lutar por dignidade humana. O movimento de reivindicação por aumento salarial e melhoria nas condições de trabalho foi iniciado no mês de maio pelos tecelões do Cotonifício Crespi, localizado na Móoca, bairro onde funcionavam importantes indústrias têxteis. Frente à recusa da direção da fábrica em atender as reivindicações, os tecelões cruzaram os braços. Durante os meses de maio e junho, operários de outras indústrias têxteis decidiram aderir ao movimento grevista. Com o lema “toda solidariedade aos grevistas”, os anarquistas estimularam as demais categorias a paralisar suas atividades. A ideia de greve geral ganhava força. Nos bairros onde se concentravam as indústrias e residiam a maioria dos operários, os militantes libertários, reunidos em torno do Centro Libertário de São Paulo e do jornal anarquista *Guerra Social*, incentivaram os trabalhadores a colocar em prática a estratégia política de luta anarquista, Ação Direta baseada na livre iniciativa, autonomia e autodeterminação do indivíduo e na solidariedade. Com o fim de estreitar os laços de solidariedade, indispensáveis para a ação coletiva, ligas de resistência foram se constituindo nos bairros operários.

O movimento grevista foi se alastrando. Na primeira semana de julho, os confrontos entre trabalhadores em greve e as forças repressoras tornaram-se mais frequentes. A mobilização de diversas categorias levou os anarquistas a proporem a realização de uma assembleia, no dia 8 de julho, na Liga Operária da Móoca, para a formação de um Comitê de Greve. No dia seguinte, 9 de julho, no enfrentamento entre grevistas e forças policiais nas ruas de São Paulo, José Iniguez Martinez, sapateiro espanhol de 21 anos, foi ferido mortalmente. A notícia da morte de José Martinez acendeu a chama de um rastilho. Projetou um forte impacto emocional sobre os trabalhadores e deu vida ao movimento grevista. O sentimento de solidariedade aflorou entre os operários e a greve ganhou novas adesões. Os anarquistas aproveitaram o clima de comoção social para transformar o enterro de Martinez num ato de repúdio à violência policial. Durante a cerimônia fúnebre, diversos oradores pregaram a continuidade do movimento e concitaram os recalcitrantes a se unirem aos grevistas e tornar possível a deflagração da greve geral. O Comitê de Defesa Proletária (CDP), constituído na noite de 9 de julho, assumiu o papel de coordenador das proposições apresentadas por representantes de diversas organizações operárias. As ligas operárias de bairro funcionaram como subcomitês e auxiliaram o CDP no seu trabalho de orientação aos grevistas. Quando a pauta do CDP com as reivindicações para pôr fim à greve geral, que incluía melhorias nas condições de trabalho e também nas condições de vida da população paulistana, se tornou pública no dia 12 de julho, São Paulo parou. Diante das dificuldades em resolver o conflito, uma Comissão de Jornalistas foi formada para intermediar as negociações. Em 15 de julho, delegados escolhidos para representar o CDP, reuniram-se com a Comissão de Jornalistas para avaliar a proposta conciliatória formulada pelos industriais e pelo poder público. Merece destaque, a atuação no CDP do jornalista e militante anarquista brasileiro, Edgard Leuenroth. No calor das agitações operárias, Leuenroth fundou, em 9 de junho, o jornal anarquista *A Plebe*, importante veículo de divulgação do ideário anarquista em língua portuguesa. Atendendo ao chamado do CDP, cerca de dez mil trabalhadores compareceram aos comícios públicos realizados na Móoca, no Ipiranga e na Lapa, e deliberaram a suspensão da greve geral.

A mobilização do operariado paulistano para uma luta conjunta, através do apoio mútuo, possibilitou o acontecer da greve geral mais significativa na história do movimento operário brasileiro e do movimento anarquista no Brasil. O operariado se fez sujeito da sua própria história e conquistou reconhecimento no cenário social. A solidariedade foi a pedra de toque do movimento grevista de 1917. Cem anos depois, assistimos à criminalização da solidariedade em países como a França. Em fevereiro de 2017, o agricultor Cédric Herrou, de 37 anos, foi multado por acolher e ajudar refugiados que se deslocaram de seus países de origem em busca da sobrevivência na Europa. Diante da condenação de delito de solidariedade, Herrou não se intimidou. Reafirmou sua disposição em continuar a ajudar os desterritorializados e fazer triunfar a solidariedade em tempos sombrios em que grassa a indiferença.